

A experiência em sala de aula e a formação do professor^{*}

Lívia Badaró Fabricio^{**}

Pauliane Neri Frangilo Oliveira^{***}

Resumo

O presente trabalho é resultado de um projeto de Iniciação Científica em que uma aluna do curso de Pedagogia participa do cotidiano de uma escola de zona rural no município de Varre Sai/RJ. O objetivo é apresentar os resultados do projeto que visou observar as crianças da Educação Infantil, para perceber como elas interagem no espaço em que vivem/ambiente escolar. A participação no cotidiano escolar durante a formação docente tem demonstrado bons resultados ao aliar teoria e prática nos estudos sobre educação infantil. A experiência em sala de aula tem contribuído para a compreensão de como a criança aprende como age no seu dia a dia e de como a escola usa o espaço disponível.

Palavras-chave: Formação Docente, Cotidiano Escolar, Pesquisa.

1 Introdução

A formação docente é um campo que sempre merece novos estudos, ainda mais na sociedade atual em que tudo se transforma rapidamente e onde há imensos abismos de desigualdade. É preciso compreender melhor o processo de formação e sempre propor ações em prol de uma educação de qualidade.

* Este artigo foi apresentado no VI ENLETRARTE (Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes), no IFF campus CAMPOS CENTRO, em junho de 2015. Foi desenvolvido sob a orientação do Prof. Dr. Márcio da Costa Berbat da Faculdade de Educação da UNIRIO.

** Graduada em História, UFJF. Mestre em Sociologia Política, UENF. Tutora presencial do curso de Pedagogia, UNIRIO/CEDERJ/UAB. E-mail: liviabadaro@yahoo.com.br

*** Graduanda em Pedagogia, UNIRIO. Bolsista de Iniciação Científica. E-mail: paulianeoliveira2008@hotmail.com

Os cursos de licenciatura, que permitem o exercício do magistério, enfrentam grandes desafios para a formação desses profissionais. Ensinar já não é algo simples, logo ensinar a ensinar é bastante complexo.

Para Paulo Freire (1996), a formação é como um fazer permanente que se refaz constantemente na ação. Em sua concepção emancipadora o autor afirma que para se formar um professor é preciso

Rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, ética e estética, corporificar as palavras pelo exemplo, assumir riscos, aceitar o novo, rejeitar qualquer forma de discriminação, reflexão crítica sobre a prática, reconhecimento e assunção da identidade cultural, ter consciência do inacabamento, reconhecer-se como um ser condicionado, respeitar a autonomia do ser educando, bom senso, humildade, tolerância, convicção de que mudar é possível, curiosidade, competência profissional (FREIRE, 1996).

Bandeira (2015) afirma que a formação é um grande problema da educação, pois ainda não tem boa qualidade. Para a autora “há ainda grande dificuldade em se por em prática, concepções e modelos inovadores” (BANDEIRA, 2015, p. 04). Teoria e prática devem se complementar, uma deve nutrir a outra, e isso não tem ocorrido.

No processo de formação o professor deve ter condições de refletir sobre as práticas, as teorias, conhecer os diferentes modelos, diferentes problemas, diferentes estratégias, pensar em tomada de decisões perante as adversidades, etc. Desde a formação é preciso uma prática reflexiva que se apóie no “diálogo, na análise do trabalho executado, na avaliação do que se faz nos grupos de formação, na interação com as leituras e tantos outros elementos” (BANDEIRA, 2015, p. 11). Teoria e prática devem estar integradas, articulando o processo formativo do professor.

Acreditamos, assim como afirmam Lima e Pimenta (2008) que o estágio e a pesquisa contribuem muito que professores e pedagogos tenham uma formação de qualidade.

O estágio deve integrar o processo de formação do aluno de modo que ele considere o campo de atuação como “objeto de análise, de investigação e de interpretação crítica, a partir dos nexos com as disciplinas do curso” (LIMA & PIMENTA, 2008, p. 24). O estágio como pesquisa precisa ser assumido como um horizonte dos cursos de formação.

O estágio não pode estar reduzido à observação e repetição de comportamentos. Ele deve promover a crítica, a inquietação, deve levar a refletir sobre novas e maneiras mais adequadas de se agir no ambiente escolar constantemente, pois

a habilidade que o professor deve desenvolver é saber lançar mão adequadamente das técnicas conforme as diversas e diferentes situações em que o ensino ocorre, o que necessariamente implica em criação de novas técnicas (*Idem*, pp. 38-39).

O estagiário não deve avaliar para apontar as falhas dos profissionais da educação. É esperado que ele reflita e encaminhe propostas e soluções para os problemas “estruturais, sociais, políticos e econômicos dos sistemas de ensino e seus reflexos no espaço escolar e não na ação de seus profissionais” (*Idem*, p. 40).

As pesquisas contribuem para uma melhor compreensão da formação, através de estudos críticos e analíticos das práticas. O projeto de onde surgiu este trabalho propõe um estágio diferente do convencional e obrigatório. Através de um programa de Iniciação Científica, os alunos selecionados participam do cotidiano escolar. Há encontros semanais com o professor orientador para leitura e discussão teórica e também discussão do que foi contemplado na prática.

Nesse processo a fundamentação teórica é muito importante. É função das teorias

iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, colocar elas próprias em questionamento, uma vez que as teorias são explicações sempre provisórias da realidade (*Idem*, p.43).

O estágio vinculado a um projeto de pesquisa, como no caso que iremos expor, deve possibilitar uma análise crítica do processo, tendo em vista o desenvolvimento dos envolvidos. É esperado também que o aluno avance no sentido da “construção de sua identidade e profissionalização docente, para colaborar no processo de melhoria das condições de escolarização de seus futuros alunos” (*Idem*, p. 230).

No próximo tópico iremos abordar alguns resultados alcançados a partir da participação em um Projeto de Iniciação Científica em que uma aluna do curso de Pedagogia participa do cotidiano de uma escola de Educação Infantil. Um dos objetivos desse projeto é melhorar a qualidade da formação de professores e pedagogos oferecendo uma oportunidade de iniciação na docência com atividades onde se pode aliar teoria e prática, com estudos direcionados, orientação, observação e participação no cotidiano dos alunos.

Um dos objetivos deste trabalho é divulgar os avanços que foram percebidos na formação de uma aluna (futura professora), para que se estimule que isso se amplie, visto que esses projetos ainda contemplam poucos alunos, especialmente da Educação à Distância, como é o nosso caso.

O projeto é voltado para Educação Infantil e consiste em leituras, discussões, observações e participação no dia a dia de uma escola com o objetivo conhecer melhor as vivências das crianças.

Os objetivos são incentivar a pesquisa na formação docente; aliar teoria e prática nos estudos sobre educação infantil; compreender como a criança interage no espaço em que ela convive.

Sobre a metodologia, as ações se iniciam com leitura e discussão de textos sobre educação infantil, territorialidades de crianças e geografia da infância. São feitas visitas semanais a uma escola de educação infantil e encontros com aluna e professora orientadora para discussão do que foi observado, contrapondo com as leituras realizadas.

2 O Projeto

O projeto de Iniciação Científica está vinculado à disciplina Geografia na Educação 1, sob a coordenação do Professor Doutor Márcio da Costa Berbat e alguns pressupostos teóricos se relacionam à Geografia da Infância.

Iniciamos nossas reflexões com uma afirmação de Lopes & Vasconcellos (2006) sobre a existência de uma estreita relação entre infância e lugar. Para se compreender as crianças precisamos analisadas inseridas em seu espaço, em seu ambiente. Além de conhecer a escola e seu cotidiano estamos conhecendo o lugar que essas crianças vivem e o entorno da escola.

A escola escolhida para a pesquisa foi a E. M. Vargem Alegre, situada em Varre Sai/RJ. Essa escola foi escolhida por que é próxima de onde a aluna mora e pretende atuar quando se formar professora. É também onde ela estudou por muitos anos. Acreditamos que seja de suma importância o futuro professor conhecer as especificidades do ambiente de onde vai atuar, visto que as realidades são múltiplas, cada ambiente é carregado de características que apenas se pode conhecer com a aproximação.

Essa escolha também foi um elemento facilitador, pois ao escolher uma escola já conhecida muitos impedimentos que podem surgir foram suprimidos. Os funcionários já eram conhecidos, inclusive um professor já havia lido a aula. A aluna foi muito bem recebida, o que também ajudou muito para o bom andamento.

Varre Sai é um pequeno município do Noroeste Fluminense, que faz divisa com o Espírito Santo e têm um pouco menos de 10 mil habitantes. Segundo dados do IBGE (2010) cerca de 50% de seus habitantes residem na zona rural. Esse percentual era ainda maior, pois

de alguns anos para cá algumas regiões rurais foram transformadas em perímetro urbano. Dessa forma a maior parte de seus habitantes veio do campo e muitos ainda vivem do trabalho nos setores agropecuários.

A escola fica no bairro Santa Lúcia, que é considerado de periferia. É um bairro um pouco afastado do centro e ainda não conta com toda infraestrutura, tendo ruas sem pavimentação, por exemplo. Esse bairro, apesar de ser considerado perímetro urbano ainda guarda muitos traços da vida no campo, visto que é um bairro relativamente novo que surgiu a partir de uma propriedade rural. Os alunos da escola ou residem nesse bairro ou nos sítios que ficam próximos.

3 A Participação no Cotidiano Escolar

Apesar de já residir lá, a aluna percorreu todo o bairro e algumas localidades que os alunos informaram que moravam e onde também pode observar que alguns alunos transitavam. Conhecer esses lugares, onde as crianças convivem foi um primeiro passo para começar a compreendê-las.

Já na escola, constatamos que ela não tem muitos problemas com relação à parte física. Em relação ao número de alunos há bastante espaço para as crianças. Também, falando em estrutura, a impressão foi positiva, principalmente quando comparo com outras escolas do mesmo município que se encontram em condição mais precária. Houve reforma há pouco tempo e o prédio se encontra em boas condições. Uma constante fala da diretora foi de que precisa de mais funcionários. Para ela há poucos funcionários de apoio em relação à quantidade de alunos.

Nas primeiras visitas em que ficou observando e ajudando em algumas tarefas em que era solicitada a aluna destacou a pouca opção de brincadeiras. Isso nos alarmou, pois consideramos que para a Educação Infantil é imprescindível que a criança brinque, pois é brincando que ela aprende, se socializa, etc. Assim como Lira e Rubio (2014) acreditamos que

Brincadeira é coisa séria, pois brincando, a criança se expressa, interage, aprende a lidar com o mundo que a cerca e forma sua personalidade, recria situações do cotidiano se expressa; desta maneira percebe-se a importância do brincar como forma da criança expressar-se e desenvolver suas habilidades de criação, de relacionar-se e de interagir (LIRA & RUBIO, 2014, p. 01).

No recreio não há muitas opções para brincadeira. O pátio não tem brinquedos fixos, como parquinho, por exemplo. Há alguns brinquedos, como bola, corda e peteca que ficam guardados na biblioteca e emprestados apenas na hora do intervalo. Mesmo sem muitas opções as crianças brincam muito nesse horário e podemos observar que essas brincadeiras simples promovem uma grande interação, o que é muito positivo para o desenvolvimento de algumas habilidades cognitivas. No entanto foi observado que as brincadeiras se resumem a esse momento, em poucos minutos, o que nos parece muito pouco.

Durante as aulas foram observadas muitas coisas. Em um primeiro momento foi sentido certo receio por parte dos professores, mas com o passar dos dias o relacionamento foi se estreitando e a aluna foi por muitas vezes convidada a ajudar nas aulas.

Observamos que as tarefas realizadas com as crianças são bastante tradicionais, a própria maneira como elas ficam dispostas na sala é muito rígida. Os alunos ficam em fileiras fixas, um atrás do outro. Mesmo sem a intenção de julgar foi impossível não refletir sobre isso. Apesar de estarem tendo resultados satisfatórios, acreditamos que falta um pouco de diversificação nas atividades. Trabalhar o lúdico é fundamental para o aprendizado na Educação Infantil. Muito além do horário do recreio, é preciso trabalhar isso nas aulas. Usando novamente a contribuição de Lira e Rubio (2014) acreditamos que

(...) o jogo, o brinquedo e a brincadeira são instrumentos mediadores no processo didático-pedagógico, são importantes ferramentas, auxiliares no desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo, psicológico e social da criança em formação. Peças-chave neste processo, estimulam a relação da criança consigo mesmo, com os outros e com o mundo (LIRA & RUBIO, 2014, p. 20).

Como já foi dito, o acompanhamento vai além do horário e ambiente escolar. A aluna acompanha a chegada das crianças, o período das aulas e por muitas vezes o trajeto de retorno. Durante esse trajeto muitas histórias foram ouvidas, o que ajudou a compreender melhor as vivências de muitas crianças

Um caso que se destacou foi de um menino que estava com mau comportamento e baixo rendimento. Todos os dias a professora se queixava dele e também foi observada sua dificuldade na hora da realização de algumas tarefas, também choros repentinos e até mesmo certa agressividade com os colegas. Ao acompanhar esse menino, pode-se conhecer e conversar com sua mãe que desabafou que a família estava passando por momentos muito difíceis devido a separação do casal. Essa mãe pediu conselhos e ajuda para que seu filho voltasse a ter bom desempenho. Ao saber dessa história aluna e professora começaram a pensar sobre melhores estratégias para lidar com a criança. A criança não consegue separar

problemas pessoais com o momento escolar, seu comportamento e mesmo sua aprendizagem podem ser influenciadas pelo que ela está vivendo.

É muito importante conhecer além do momento escolar para compreender as necessidades de cada criança e assim tentar desenvolver um trabalho mais humano, que possa ajudar essa criança a se desenvolver melhor.

Ainda observando o entorno da escola vimos que as crianças brincam muito nas ruas, que são ainda relativamente tranquilas, com pouco movimento de carros. Observamos subindo em árvores, brincando de pique, de roda, peão, coisas bem típicas de lugares pequenos. Muitas têm o costume de andar a cavalo pelas redondezas, algumas mesmo bem pequenas já andam sozinhas por influência dos pais que utilizam o cavalo como meio para se locomover para as propriedades rurais onde trabalham. Percebemos que há grande interação entre as crianças e o lugar que moram e grande interação entre as pessoas do bairro.

Voltando para o universo dentro da escola acreditamos que seu espaço não é bem explorado. Por exemplo, há um pátio onde já teve uma horta que era cultivada pelos alunos e que não é mais utilizada. Acreditamos que esse cultivo é importante pois se relaciona à realidade deles. Muitos alunos são filhos de lavradores, muitos cultivam alimentos em suas casas. Seria importante trabalhar esse espaço, que já está disponível e que valoriza a cultura deles.

As crianças chegam, fazem filas e vão para as salas de aula, quando está na hora, saem para fazer a refeição, em seguida brincam um pouquinho, fazem fila e seguem novamente para a sala de aula. Quando se aproxima das 16 horas elas começam a se organizar para ir embora, recebem um lanche e ficam a espera da condução. Todos os dias parece tudo muito igual. Novamente afirmamos que não temos a intenção de julgar, mas acreditamos que crianças precisam de atividades mais diversificadas, em que elas possam desenvolver melhor suas habilidades. Dificilmente essas crianças saem da sala para fazer alguma atividade com seu professor, ou mesmo um passeio para observar o lugar em que vivem com um olhar diferente.

Como nossas observações partiram dos pressupostos da geografia da infância, é impossível não refletir sobre a contribuição que percorrer, conhecer e utilizar o espaço disponível pode trazer para a aprendizagem. Assim as crianças vão aprendendo a ler o mundo. Acreditamos que a criança que fica somente dentro da sala de aula, em um “mundo fechado” e não tem contato com o espaço que a rodeia está deixando de aprender muitas coisas, em relação a leitura de mundo, convivência social, etc.

Há alguns meses foi improvisado na escola um espaço que antes não havia, uma biblioteca foi colocada no refeitório, para que as crianças tenham acesso a livros da literatura infantil. Essa iniciativa foi muito interessante, mesmo antes de se alfabetizar, é importante que as crianças tenham esse contato. Em atividades de leitura coletiva, por exemplo, ela pode “tomar gosto” pelas letras, facilitando seu aprendizado. Foi muito legal enquanto durou, os professores começaram a pensar em novas atividades nesse espaço. No entanto, infelizmente depois de algum tempo o espaço foi desfeito para dar lugar ao refeitório. A diretora afirmou que há um projeto de se refazer a biblioteca, mas ainda não tem prazo.

Algo muito positivo observado alguns meses depois do início do projeto foi a instalação de um parquinho no pátio. É um parquinho pequeno e simples, mas as crianças amaram. Infelizmente eles ainda utilizam mais durante os minutinhos do recreio, mas já foi um ganho para elas. Foi improvisada também na parede uma cesta para basquete. Notamos também que a prática de esportes aumentou depois de um certo tempo.

Um momento muito interessante foi a semana do folclore. A diretora disse que não animava a fazer, mas veio até a aluna estagiária e pediu dicas e ajuda para promover um “trabalho diferente”. Apesar da precariedade de recursos disponíveis foi possível fazer um trabalho que as crianças gostaram muito. Teve dança e apresentação teatral. As crianças se envolveram muito. Durante o mês fizeram dobraduras ensinadas pela aluna representando alguns personagens do nosso folclore.

Um ponto que chamou muita atenção foi o grande empenho dos funcionários. É perceptível que trabalham visando o melhor para as crianças. As salas são bem organizadas, enfeitadas. Um exemplo do grande empenho é uma professora da Educação infantil que tem uma aluna deficiente visual. Essa professora se propôs, por conta própria, a fazer um curso para auxiliar a menina e também sempre elabora tarefas adaptando materiais que tem disponível.

Com as várias visitas fomos percebendo uma mudança na prática dos professores. Cabe salientar que foi avisado que a intenção do projeto era conhecer, aprender com eles e também ajudar em alguma coisa, caso precisassem e solicitassem. Mesmo assim foram mudando e acreditamos que a presença de um pedaço da universidade no cotidiano dessa escola fez esses profissionais refletirem sobre suas práticas e a pensar sobre novas estratégias.

Os professores começaram a dar atividades mais divertidas, tiravam as crianças da sala, começaram timidamente a inserir algumas brincadeiras. O que notamos foi que ainda há um pensamento de que brincar não é ensinar. Parece que a brincadeira não é séria, que é coisa

de professor que não gosta de dar aula. Infelizmente esse pensamento ainda é forte, mas já notamos alguns avanços.

No dia da visita que fiz com coordenador do projeto as professoras do primeiro e segundo período estavam levando as crianças para visitar a quadra que foi construída recentemente no bairro. Mesmo sem interferência e opinião os professores foram tendo algumas mudanças no modo de agir. Consideramos muito importante explorar esse espaço do entorno da escola, ainda mais que a escola não possui quadra. Existem muitos caminhos para a aprendizagem. Se limitar a um espaço físico e a métodos rígidos limita muito.

4 Considerações Finais

A pesquisa está em andamento, além das leituras, discussões com a orientadora e participação no cotidiano da escola, a aluna pode participar de eventos acadêmicos apresentando trabalhos sobre suas experiências. Também há produção de relatórios que são entregues à coordenação do projeto e escrita de artigos para os eventos.

A aluna planeja promover mais atividades diferenciadas para as crianças da escola. Houve um convite dos professores e direção para que a mesma promovesse algumas atividades que estão sendo pensadas e elaboradas.

Esse acompanhamento nos faz refletir sobre a formação do professor, nos faz pensar que os demais graduandos de licenciaturas que não tem uma oportunidade dessas estão deixando de ter uma formação mais completa, mais rica.

Em toda licenciatura há estágio, mas os estágios formais nem sempre contemplam essa riqueza de oportunidades. Há muita parte burocrática a cumprir e a carga horária não permite essa participação no cotidiano. E participar do dia a dia da criança é fundamental para entender suas especificidades.

Percebemos que teoria e prática podem e devem caminhar juntas. Os encontros para discutirmos isso são riquíssimos. Confrontamos leituras com observações, teorias com vivências e pensamos em novas maneiras de praticar sempre.

Acreditamos que a prática em sala de aula no momento da graduação é muito importante para a formação do professor. O estágio não é só de observação, a aluna participa das vivências das crianças.

Ao se formar a aluna já terá uma bagagem de experiência que irá permitir que ela atue com mais segurança, irá permitir que ela olhe para seus alunos de uma outra maneira, já conectando às experiências anteriores e buscando estratégias para as mais variadas situações.

O projeto continua e acreditamos que divulgando esses resultados positivos podemos incentivar de que isso se amplie, contemplando mais alunos de licenciatura e assim possa colaborar para uma formação docente de mais qualidade.

Referências

BANDEIRA, Hilda M. M. *Formação de Professores e Prática Reflexiva*. Disponível em <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/2006.gt1/GT1_13_2006.PDF> Acesso em 20/07/2015.

CAVALCANTI, Lana de S. *Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos*. Campinas: Editora Papirus, 1998.

COUTO, Marcos A. C. *Ensino de Geografia: abordagem histórico-crítica*. S/D.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra: 1996.

IBGE. *Censo Demográfico 2010*. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br>>. Acesso em 10/08/2014.

LIMA, Maria S. L; PIMENTA, Selma, G. *Estágio e Docência*. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

LIRA, Natali A. B; RUBIO, Juliana de A. S. *A importância de brincar na educação infantil*. Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 5 – nº 1 – 2014.

LOPES, Jader J. M. *Geografia da Infância: contribuições aos estudos das crianças a suas infâncias*. Revista Educação Pública, v. 22, 49/1, p. 283-294. MAIO/AGO 2013.

LOPES, Jader J. M; VASCONCELLOS, Tânia. *Geografia da Infância: Territorialidades Infantis*. Revista Currículo sem Fronteiras, v. 6, n. 1, pp. 103-127, JAN/JUN 2006.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova*. São Paulo: HUCITEC, 1986.

TIRIBA, Léa. *Diálogos entre pedagogia e arquitetura*. Revista Presença Pedagógica, v.14, n. 83. SET/OUT 2008. ISSN 1413-1862. Belo Horizonte: Editora Dimensão, 2007.